

de Rubem Braga

COM DESENHOS DE CARLOS THIRÉ

levantam-se em seus quartos, juntam-se na grande sala, olham o velho relógio da parede e secretamente se censuram, pela presença mútua.

Há muito, por uma combinação tácita, nenhum deles traz mulher para casa no meio da noite. Antigamente, é verdade, vinham mulheres, às vezes duas ou três e na sala bebiam vinho e riam: há lembrança de uma noite em que todos cantaram. Mas o tempo foi passando; a amizade dos homens cimentou-se em uma espécie de tédio amargo; querem evitar questões; mulheres criam questões.

Hoje seria ridículo pensar em trazer mulheres; a casa foi se carregando de cinzento, os móveis ficaram mais pesados, as sombras mais severas pela contínua presença dos homens; se alguém colocasse em algum lugar um vaso de flores ou a gaiola de um canário, a censura muda dos móveis e das coisas, o olhar grave das paredes, a sotrurna irritação dos homens os transformariam lentamente em pequenos montes de cinza. Na verdade aqui dentro se criou uma acomodação e um conforto grave, onde os homens não têm necessidade de sentir outra coisa a não ser que são homens e moram em uma casa de homens, entre coisas de homens.

O telefone era antigamente um elemento de perturbação; como não podiam dispensá-lo, os homens o encerraram em uma cabine; assim cada um pode conversar à vontade com quem quiser; mesmo dizer facécias, sem que os outros tenham a obrigação odiosa de ouvir.

Sempre é possível admitir que no trato com pessoas estranhas — mulheres ou crianças por exemplo — algum dos homens ainda use um tom ligeiro ou emotivo, que seria impróprio na severidade do convívio másculo. Na verdade, porém, a longa disciplina desse convívio aos poucos vai pesando no interior de cada homem.

Como estão envelhecendo, eles já saem menos de casa. É de crer que cada um juntará com seu trabalho um pequeno pecúlio que o dispense completamente de sair. Assim os homens ficarão para sempre dentro da casa, com as cortinas descidas e nem sequer mais se falarão; cada vez mais juntos e mais isolados pessoalmente, eles estarão preparados para morrer sem nenhuma lamentação; cada um será enterrado no quintal, e todos terão os olhos secos. Quando o último sucumbir sozinho, sem um gemido, o fantasma já deverá estar bastante denso para poder enterrá-lo. E como os fantasmas duram séculos, esse fantasma de homem ficará na casa em ruínas, severo e só, até que o último tijolo seja pó e a última pedra da casa se desfaça em pálida areia.

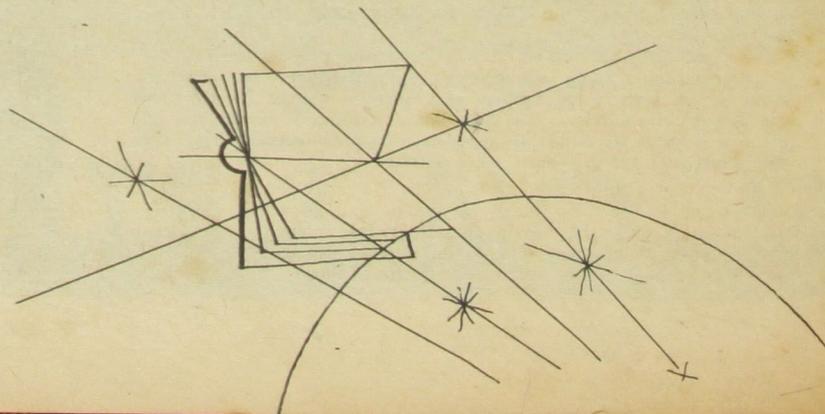
EPÍLOGO À SÁ CARNEIRO

EDGAR BRAGA

*Eu sou um outro de mim
Entre obscuros muros
Que ninguém me venha ver
Nos seus trajes escuros*

*Carreguem-me o sósia gordo
Quero ficar para o fim
Dêem-lhe medalha de ouro
Estrêlas, prata, cetim.*

*Porque entre amigos calmos
O que ainda resta, distante
Entrará na eternidade
Pela porta duma estante...*



CM 18,2.54
CR
1100 e 11
ELE/ELA 76
M 147

A CASA DOS HOMENS

A casa dos homens está nessa idade em que certas casas começam a ficar mal-assombradas: em algum canto se adensa, ainda, porém, em demasia fluido, o ectoplasma de um primeiro fantasma, que é também um homem grosso e triste.

Talvez seja no porão; é impossível vê-lo; apenas em certo ponto há uma impressão de que o ar está um pouco mais pesado em nossa face. Os homens da casa não se importam com isso; eles se observam;